

Verso e Reverso na política linguística da Nova Espanha no século XVI: uma reflexão a partir da perspectiva da contemporaneidade /

Verso y reverso en la política lingüística de Nueva España en el siglo XVI: una reflexión desde la perspectiva de la contemporaneidad

*Maria José Letícia Freire da Silva**

Estudante de Letras Espanhol da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Reside em João Pessoa desde o início da graduação. Estuda para ser professora universitária e se dedica à linguística, literatura, ao espanhol e ao português. Trabalha com Português como Língua de Acolhimento (PLAc) no Projeto Refugiados e Migrantes da Paraíba.



<https://orcid.org/0009-0007-5255-8443>

*Juan Ignacio Jurado Centurión Lopez***

Formou-se em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, tendo obtido em 2006 o título de Mestre em esta universidade. Sua tese de doutorado em Teoria da Literatura foi defendida em 2011. Em julho de 2009, o Concurso para Professor Assistente de Língua e Literatura Espanhola foi aprovado pelo Conselho Federal Universidade da Paraíba. (UFPB) onde atualmente atua como professor de Língua Espanhola e Hispano-Americana língua e literatura. Desde 2018.



<https://orcid.org/0000-0002-9880-6170>

Recebido em 24 de jul. 2024. **Aprovado** em 21 de nov. de 2024.

Como citar este ensaio:

SILVA, Maria José Letícia Freire da. LOPEZ, Juan Ignacio Jurado Centurión. Verso e Reverso na política linguística da Nova Espanha no século XVI: uma reflexão a partir da perspectiva da contemporaneidade *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 5, e3197, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14563933>

*



lehfreire9@gmail.com

**



juanig@terra.com.br

RESUMO

Este ensaio foi desenvolvido a partir da necessidade de entender como se formou o processo linguístico na colonização americana durante o século XVI. Este ensaio tem relação com o contexto histórico, já que tradicionalmente os povos invasores estabeleciam sua língua aos povos invadidos, no entanto, na América Latina em vez de adotar a língua do invasor, foi mantida a língua local. Em razão disto, o objetivo deste trabalho é discutir a razão por trás da preservação das línguas locais e discutir o motivo do estudo destas línguas que derivou em um edito de aceitação das línguas gerais (1586). Esta investigação é importante para compreender o que estava por trás e quais foram as consequências a longo prazo desde o ponto de vista linguístico e cultural. Para apoiar nossa reflexão, são apresentadas portações teóricas de autores como Bravo García, Sarzuri-Lima, Vega Cernuda, Mariani y Juan López, que discutem sobre este processo de política linguística durante a colonização.

PALAVRAS-CHAVE: Indigenismo; Interculturalidade; Franciscanismo; Línguas gerais; política.

RESUMEN

Este ensayo se desarrolló a partir de la necesidad de entender cómo se produjo el proceso lingüístico en la colonización americana durante el siglo XVI. Este ensayo guarda una relación con el contexto histórico, ya que tradicionalmente los pueblos invasores imponían su lengua a los pueblos invadidos, pero en América Latina en vez de adoptar la lengua del invasor, se mantuvo la lengua local. En razón de esto, el objetivo del trabajo es discutir la razón por detrás de la preservación de las lenguas locales y analizar el motivo del estudio de estas lenguas que derivó en el edicto de aceptación de las lenguas generales (1586). Esta investigación es relevante para entender que hubo por detrás y cuáles fueron las consecuencias a largo plazo desde el punto lingüístico y cultural. Para apoyar nuestra reflexión, son presentadas aportaciones teóricas de autores como Bravo García, Sarzuri-Lima, Vega Cernuda, Mariani y Juan López, que discuten sobre este proceso de política lingüística durante la colonización.

PALABRAS CLAVES: Indigenismo; Interculturalidad; Franciscanismo; Lenguas generales; Política lingüística.

1 Introdução

Quando os europeus chegaram ao Novo Mundo, aparentava que todos se entendiam linguisticamente, ou pelo menos é isso que os livros tradicionais¹ nos fazem pensar. Contudo, na realidade o processo linguístico foi bastante demorado. Esse processo resultou, entre outros aspectos, na promulgação das línguas gerais. O objetivo deste trabalho é mostrar como aquilo que aparentemente foi, por um lado, benéfico para o mundo indígena, ao mesmo tempo se revelou uma forma de exclusão social e linguístico

Nem a atividade interpretativa das “línguas” nem os trabalhos de recuperação por parte dos missionários e através da tradução das antiguidades linguísticas indígenas representam ainda, salvo raras exceções, nas modernas exposições históricas da Conquista, a Exploração ou a Missão. Nem mesmo o hispanófono C. Lummis nos exploradores espanhóis do século XVI teve maior atenção a esta tarefa de recuperação cultural. Aparenta como se todas estas operações de “relação internacional” tivessem sido realizadas de maneira automática e a

¹ Exemplos dessa percepção linguística podem ser encontrados nestas duas referências, publicadas no Brasil nos últimos anos:

VASCONCELOS, Lucimara Regina. *Buriti Mais História*. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2017.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

margem do fato fundamental que caracteriza qualquer relação humana: o linguístico. Tem-se a sensação que esta relação que se estabelece em 1492 não tivessem contato de maneira decisiva, tanto nas compreensões como nas incompreensões, a comunicação linguística (Cernuda, 2004, p.82).²

O verso de nosso título diz respeito a uma política integrada, os europeus escolhem aprender a língua dos indígenas porque precisam conhecer primeiro seus catecúmenos e sua cultura. E o reverso faz referência a uma política segregacionista, que provoca a exclusão de um povo a longo prazo. Os religiosos europeus declararam que os indígenas podem conservar suas línguas, mas na realidade, com esta decisão os privam da possível integração.

Dessa forma, impedem os indígenas de participarem nos assuntos políticos ou econômicos daquela nova sociedade que se estava formando. Contudo, como veremos, a intenção dos religiosos era menos obtusa e buscava apenas afastar os indígenas dos maus costumes dos espanhóis.

Desde que me tornei cristão, aprendi a jurar por Deus, pela Cruz e pelos Evangelhos, e a blasfemar pela vida de Deus. Renego e não acredito. Também aprendi a julgar e a nunca dizer a verdade. Comprei uma espada de ferro para procurar briga. E para viver como os cristãos não me falta nada, exceto uma amante que em breve espero poder levar para casa (Benzoni *apud* Lopez, 2021. p.1).³

Por meio das palavras imaginárias de um indígena, filho de um cacique, ele nos mostra como seus costumes e sua vida mudaram após adotarem as “boas maneiras” dos europeus. Para evitar esse tipo de influência, os religiosos adotaram uma estratégia: aprender a língua dos indígenas e permitir que se comunicassem em seu próprio idioma. Essa decisão revela que os religiosos souberam reconhecer os valores e tradições indígenas.

“É um acontecimento na medida que produz sentidos e, ao mesmo tempo, provoca rupturas no sentido já estabelecido” (Mariani, 2003, p. 74). Ou seja, essa decisão foi adequada,

² Do original: “Ni la actividad interpretativa de las “lenguas” ni los trabajos de recuperación por parte de los misioneros y a través de la traducción de las antigüedades lingüísticas indígenas figuran todavía, salvo raras excepciones, en las modernas exposiciones históricas de la Conquista, la Exploración o la Misión. Ni siquiera el hispanófilo C. Lummis en Los exploradores españoles del siglo XVI10 prestó mayor atención a esta labor de recuperación cultural. Parece como si todas estas operaciones de “relación internacional” se hubieran llevado a cabo de manera automática y al margen del hecho fundamental que supone cualquier relación humana: lo lingüístico. Se tiene la sensación de que en esa relación que se establece en 1492 no hubieran contado de manera decisiva, tanto en las comprensiones como en las incompreensiones, la comunicación lingüística” (Cernuda, 2004, p.82).

³ Do original: “Desde que me he hecho cristiano, he aprendido a jurar por Dios, por la Cruz y por los Evangelios, y a blasfemar por vida de Dios. Reniego y no creo. También he aprendido a jugar y a no decir nunca la verdad. He comprado una espada de hierro para buscar pelea. Y para vivir como los cristianos no me hace falta nada, salvo una concubina que en breve espero poder llevar a casa” (Benzoni *apud* Lopez, 2021. p.1).

pois os povos indígenas não foram obrigados a mudar sua língua e cultura para se adaptarem a outro povo. No entanto, é inadequada, já que esses povos foram excluídos de uma participação plena nas decisões que visavam o desenvolvimento de uma sociedade bicéfala.

1 As línguas e o Novo Mundo

Durante o processo de invasão, ao longo da história, os povos invasores normalmente impunham sua língua aos povos invadidos. No Novo Mundo, isso não seria diferente, e desde os primeiros anos, a coroa impôs seu desejo de alfabetizar os novos subordinados na língua castelhana.

Além disso, as línguas dos conquistadores, exploradores ou missionários eram poucas, monolíticas e densas. Já as línguas dos conquistados, explorados ou missionários eram múltiplas e diversificadas. Nesse contraste de sons e, mais tarde, de palavras, os sistemas fonológicos e a fonética das línguas ameríndias deveriam ter representado obstáculos que dificultavam a inteligência linguística dos missionários ou governantes, tanto ao tentar se comunicar quanto ao articular gramáticas comparadas, tarefa que foi imediatamente iniciada (Cernuda, 2004, p.85).⁴

Essa posição evidencia a riqueza linguística do mundo indígena em contraste com a uniformidade da língua do invasor. Além disso, destaca a grande dificuldade de estudar e sistematizar as línguas indígenas. Por outro lado, os colonizadores não viam com bons olhos a inclusão das populações originárias em seu projeto. "Sempre tiveram um forte receio em relação à integração do indígena na nova sociedade que estava se formando e, posteriormente, experimentariam esse mesmo sentimento negativo com toda a população mestiça" (Lopez, 2019, p.3).⁵

Nesta nova sociedade colonial, evidencia-se a rejeição à integração do indígena, uma atitude que também se estende à população mestiça. Os povos invasores se opõem a dividir o

⁴ Do original: "Además, las lenguas de los conquistadores, exploradores o misioneros eran pocas, monolíticas, espesas. Las de los conquistados, explorados o misionados eran múltiples, diversificadas, etéreas. En ese contraste de sonidos y, más tarde, de palabras, los sistemas fonológicos y la fonética de las lenguas amerindias han debido de suponer escollos en los que tropezaba la voluntad lingüística de los misioneros o de los gobernantes a la hora de querer entenderse o a la hora de articular las gramáticas comparadas, tarea a la que se puso mano a la obra inmediatamente" (Cernuda, 2004, p.85).

⁵ Do original: "Siempre tuvo un fuerte recelo de la integración del indígena en la nueva sociedad que se estaba formando y posteriormente experimentará ese mismo sentimiento negativo con toda la población mestiza" (Lopez, 2019, p.3).

espaço social e linguístico com um povo que não compartilhava os mesmos costumes. A relação entre língua e sociedade é uma questão abordada pela política linguística.

Em uma reflexão mais recente sobre a natureza do campo, sugeriu-se que a Política Linguística tem três componentes inter-relacionados mas independentes: as reais práticas linguísticas dos membros da comunidade, as crenças daqueles membros sobre a língua e os esforços de alguns membros para mudar as práticas e as crenças existentes. Também foi proposto que em cada domínio e em cada subcomunidade (governamental, de negócios, educacional, religiosa, familiar) é possível encontrar um conjunto de práticas e crenças complexo mas organizado e alguns indivíduos (gestores) que desejam modificar o comportamento linguístico e as crenças de outros. O campo da Política Linguística é considerado um tipo de Sociolinguística Aplicada, com muitas de suas atividades direcionadas à educação (Spolsky, 2016, p. 372-373).

Este é um fenômeno que influenciou na maneira na qual a língua é percebida na sociedade

discutir a instauração de uma política linguística supõe compreender o modo de funcionamento dessa complexidade histórico-linguística, já que é ela que vai constituir as condições materiais de base que vão garantir a tomada de posição das instâncias de poder visando regular as práticas languageiras (Mariani, 2003, p. 78).

Mariani sugere uma discussão sobre a política linguística que contemple um pensamento mais adequado e aprofundado sobre o tema, já que as decisões tomadas serão cruciais para todo o processo subsequente.

Seria difícil para os europeus dominar todas as línguas em tão pouco tempo, especialmente ao considerar a variação lexical de cada idioma, pois cada uma dessas línguas possui suas particularidades.

Diante da multiplicidade de idiomas nativos e da dificuldade de dominá-los em um tempo relativamente curto, foram instituídas as chamadas línguas gerais, consideradas assim porque eram conhecidas, em certo grau, pelos nativos dos respectivos territórios de influência, embora, na prática, não fossem sua língua materna (Bravo, 2010, p. 79).⁶

Essas línguas serviam como meio de comunicação estratégico diante da diversidade linguística, além de facilitar a interação entre os recém-chegados e os anfitriões. Isso permitiu que

⁶ Do original: “Ante la multiplicidad de idiomas autóctonos y la dificultad para dominarlos en un tiempo relativamente corto, se instituyen las llamadas lenguas generales, consideradas como tales porque eran conocidas en cierto grado por los naturales de los respectivos territorios de influencia, aunque de hecho no fuera su lengua materna” (Bravo, 2010, p. 79).

os religiosos se aproximassem da cultura dos povos locais. Esse processo de integração só foi realizado devido às constantes reivindicações que alguns religiosos fizeram à coroa.

Como veremos mais adiante, os religiosos, encarregados de catequizar e educar as populações locais, enfrentaram um dilema e decidiram estudar a língua dos indígenas. Algo que não foi bem aceito pelos colonos, que não viam com bons olhos essa "castelhanização" do mundo indígena. No entanto, esse resultado foi fruto de um processo em que, na etapa inicial, tentou-se representar ideias por meio de mímicas, o que posteriormente levou ao uso de palavras básicas e comuns nas primeiras línguas desenvolvidas.

Colombo e os indígenas das Antilhas tiveram que se comunicar por gestos: "as mãos lhes serviam de língua", diz o Padre Las Casas. A realidade nem sempre correspondia às indicações e palavras dos indígenas, o que levava Colombo ao desespero, fazendo-o supor intenções maliciosas e desígnios ocultos (Rosenblat, 1969, p.17).⁷

Como os europeus não conheciam as línguas locais, começaram a nomear as coisas de acordo com seus próprios conhecimentos. "E antes de conhecer a palavra *cacique*, designou os numerosos senhores indígenas das pequenas e grandes ilhas com o alto título de reis" (Rosenblat, 1969, p.17).⁸ Isso ocorreu porque associavam o que conheciam com o que viam, como já foi mencionado. A comunicação entre os dois povos era difícil, por isso tentavam relacionar o conhecido com o desconhecido, buscando uma forma de compreender o que observavam. Contudo, não reconheciam essas diferenças de maneira plena.

Já na etapa continental, no que diz respeito às grandes civilizações maia e mexica, a situação foi mais complexa. Tratava-se, então, de uma organização social mais avançada e não isolada como na etapa anterior. Além disso, as crenças e costumes estavam profundamente enraizados nas diferentes sociedades.

Apesar de toda a devastação causada pela conquista e colonização, os povos aborígenes defenderam e preservaram suas tradições culturais, que se mesclaram com as culturas hispânicas e com as de centenas de milhares de africanos trazidos ao continente ao longo de quase quatro séculos. Esse

⁷ Do original: "Colón y los indios de las antillas tuvieron que entenderse por señas: "las manos les servían de lengua", dice el P. Las Casas. La realidad no respondía siempre a las indicaciones y palabras de los indios, y entonces Colón se desesperaba y suponía intenciones aviesas y designios ocultos" (Rosenblat, 1969, p.17).

⁸ Do original: "y antes de conocer la palabra cacique, designó a los numerosos señores indígenas de las pequeñas y grandes islas con el alto título de reyes" (Rosenblat, 1969, p.17).

processo deu origem a um verdadeiro arco-íris cultural latino-americano, fruto de uma assimilação progressiva (Saiz; Lago; Delgado; Díaz, 2016, p.46).⁹

2 O caso mexicano e o ensino da língua: O dilema

Os europeus, ao perceberem que o sistema comunicativo do mundo indígena era distinto do seu e não o compreendiam, julgaram que os indígenas não possuíam uma gramática, já que sua forma de comunicação geralmente se dava por meio de desenhos e da oralidade. Eles possuíam uma gramática¹⁰, mas o europeu não conseguia entendê-la.

Mas a pregação está fundamentada na palavra, e para difundí-la, os missionários precisavam escolher entre dois caminhos possíveis: ensinar aos indígenas a língua dos conquistadores ou aprender as línguas dos seus catecúmenos. Após a experiência adquirida nas ilhas e diante das novas circunstâncias que surgiram no continente, a maioria dos frades se inclinou pela segunda opção (Roca *apud* Lopez, 2019. p.12).¹¹

Devido a isso, por não conseguirem explicar o fenômeno que ocorria, ou seja, que cada língua possui variações e não necessariamente deve ser iguais, tomaram a decisão de julgar os indígenas como inferiores, acreditando que havia uma carência gramatical.

Da perspectiva atual, nesse contexto surge o hegemônico; a cultura superior e o subalterno, a cultura inferior. O europeu coloca os indígenas na posição de subalternos, pois “a dimensão comunicativa, que simultaneamente estende espacial e temporalmente a mensagem do colonizador, é a escrita” (Sarzuri-Lima, 2012, p.67).¹² Isso ocorre porque a visão dos colonizadores era a de que não encontraram nenhuma manifestação escrita dos indígenas. Por isso, “continuará reduzindo a escrita à escrita alfabética” (Sarzuri-Lima, 2012, p.67).¹³ No entanto, se as pessoas

⁹ Do original: “A pesar de todo lo devastador de la empresa de la conquista y la colonización, los aborígenes defendieron y conservaron sus tradiciones culturales que se mezclaron con las culturas hispánicas y con las de cientos de miles de africanos que fueron introducidos durante casi cuatro siglos, un verdadero arcoiris cultural latinoamericano, que se originó a través de una asimilación progresiva” (Saiz; Lago; Delgado; Díaz, 2016, p.46)

¹⁰ PEYOTL, Consume. Tlacuilo. YouTube, 22 enero de 2015. Disponible en: <https://youtu.be/6uTs5jsPdjK?si=9sdr6mnNW1Ptv4u1>. Accedido en 15 julio de 2024.

¹¹ Do original: “Pero la predicación está fundamentada en la palabra, y para difundirla han de elegir los misioneros dos caminos posibles: o enseñar a los indígenas la lengua de los conquistadores, o que ellos mismos aprendan las lenguas de sus catecúmenos. Tras la experiencia adquirida en las islas, y ante las nuevas circunstancias que se presentaron en el continente, la mayoría de los frailes se inclinó por la segunda vía” (Roca *apud* Lopez, 2019. p.12).

¹² Do original: “la dimensión comunicativa, que simultáneamente extiende espacial y temporal el mensaje del colonizador, es la escritura” (Sarzuri-Lima, 2012, p.67).

¹³ Do original: “continuará reduciendo la escritura a la escritura alfabética” (Sarzuri-Lima, 2012, p.67).

conseguem se comunicar, independentemente do que utilizem, isso é válido. Essa dualidade linguística terá aspectos positivos e negativos, como já observamos anteriormente.

O dilema que surge entre obedecer à tradição e ensinar a língua aos indígenas ou estudar sua língua levanta questões complexas que impactam a identidade e os direitos linguísticos de um povo. Essa decisão tem um impacto positivo em termos de preservação de uma língua e na tentativa de promover a interculturalidade. Pode-se pensar que, pela primeira vez, os direitos de um povo foram considerados. Assim, aos poucos, os indígenas começam a tomar conhecimento sobre esses aspectos e até colaboram no estudo, por parte dos religiosos, como Fray Bernardino de Sahagún, de suas próprias culturas.

A colaboração voluntária dos indígenas no trabalho dos religiosos cristãos será fundamental para o estudo dos costumes locais e a redação, tanto de gramáticas e outros estudos linguísticos, quanto das diversas obras de caráter doutrinário que, em um período de pouco mais de cinquenta anos, foram redigidas em um número surpreendente (Lopez, 2019. p.19).¹⁴

Em pouco tempo, os religiosos percebem que a convivência entre europeus e indígenas não é a ideal e optam por preservá-los, para que não aprendam os maus costumes dos espanhóis. "É óbvio que, neste contexto, a comunicação específica entre os chegados e os encontrados deveria ser difícilima" (Cernuda, 2004, p.84-85).¹⁵ A comunicação torna-se difícil devido à falta de compreensão mútua entre europeus e indígenas. Ambos os povos têm mundos diferentes. Quando esses mundos se chocam, surge um desentendimento linguístico que dificulta a comunicação. Os europeus não entendem os indígenas e, por sua vez, os indígenas não entendem os europeus, o que se torna um obstáculo para a comunicação cotidiana, que vai além da questão puramente linguística.

Por isso, levando em conta as denúncias feitas pelos religiosos à coroa sobre os maus-tratos aos indígenas, a coroa reage a essas denúncias com uma série de leis que culminam, em 1586, com o edito de promulgação das línguas gerais.

Estava sendo oferecida uma solução diante da dificuldade de dominar as línguas, ou seja, as barreiras linguísticas que representam as diferentes culturas de ambos os povos. A partir

¹⁴ Do original: "La colaboración interesada de los indígenas en el trabajo de los religiosos cristianos va a ser fundamental para el estudio de las costumbres locales y la edición tanto de gramáticas y demás estudios lingüísticos como de las diversas obras de carácter doctrinario que en un plazo de poco más de cincuenta años fueron redactadas en un número sorprendente" (Lopez, 2019. p.19).

¹⁵ Do original: "Es obvio que en este contexto la comunicación específica de los llegados con los hallados debía resultar difícilísima" (Cernuda, 2004, p.84-85).

dessas línguas gerais, seria possível dar os primeiros passos para uma comunicação mais fluida entre europeus e indígenas.

3 A promulgação do edito das línguas gerais

O legado da conquista espiritual do Novo Mundo pode ser dividido em três aspectos: o primeiro, o estudo das culturas indígenas; o segundo, a promulgação de leis que protegem os indígenas dos maus-tratos, as quais foram denunciadas pelos religiosos; e, por fim, o terceiro, no qual, por meio do estudo das línguas, se colocou em prática a política linguística.

Com isso, 1555 foi um ano importante para o desenvolvimento dos estudos das culturas locais. Os pioneiros da catequese indígena escreveram uma carta ao monarca Carlos V comentando sobre os problemas relacionados à comunicação.

Em Tlaxcala, no dia 2 de janeiro de 1555, o religioso seráfico criticava o dominicano frei Bartolomé de Las Casas e registrava ao imperador a urgência de conhecer profundamente as culturas e as sociedades indígenas da América para construir com elas um império que pudesse se alinhar às perspectivas finais do destino humano (Baudot, 2002, p.37).¹⁶

É fundamental considerar que o religioso seráfico que menciona Baudot provavelmente seja Fray Toribio de Benavente o Motolinía, como foi chamado pelos indígenas por sua aparência necessitada. Um dos evangelizadores mais importantes. Estes religiosos têm uma ideia de uma evangelização fraterna, podem acreditar que devem estudar as línguas locais como uma forma mais humana de aproximação.

O êxito limitado da política linguística da castenização se deve a vários fatores. Talvez o mais importante foi a falta de apoio dos freis, que descobriram que a maneira mais prática de ensinar a fé cristã era por meio das línguas maternas de seus fiéis (Carr, 2007, p.8).¹⁷

¹⁶ Do original: "Tlaxcala el 2 de enero de 1555 en que el religioso seráfico arremetía contra el dominico fray Bartolomé de Las Casas y recordaba al emperador la urgencia de conocer a fondo las culturas y las sociedades indígenas de América para construir con ellas un imperio que pudiera inscribirse en las perspectivas finales del destino humano" (Baudot, 2002, p.37).

¹⁷ Do original: "El éxito limitado de la política de la castellanización se debe a varios factores. Tal vez el más importante fue la falta de apoyo de los frailes, quienes habían encontrado que la manera más práctica de enseñar la fe cristiana era por medio de las lenguas maternas de sus feligreses" (Carr, 2007, p.8).

Desde os primeiros anos de colonização constatou-se uma grande diversidade linguística, com diferentes línguas em cada região, o que, sem dúvidas, dificultava a comunicação entre os povos, no entanto

Muitos religiosos, desde a chegada dos primeiros franciscanos em 1523, aprenderam o náhuatl, a língua majoritária do centro da Nova Espanha. Ao expandir seu campo de operações, descobriu-se que havia comunidades de língua náhuatl em outras regiões, e onde havia outros idiomas, geralmente havia pessoas bilíngues que podiam facilitar a comunicação entre os falantes de náhuatl e os outros grupos linguísticos (Carr, 2007, p.8-9).¹⁸

Na região Centro Americana, o náhuatl permitiu ampliar a interação com outras comunidades, o que deu origem a espaços bilíngues. Embora naquela época não se conhecesse o conceito de bilinguismo como o entendemos hoje, já se vislumbrava uma ideia semelhante à que temos atualmente. "Somente no México se conheciam, sobre seu reinado, quase uma centena de línguas, e quarenta delas eram de uso atual no território dominado por sua administração." (Baudot, 2002, p.39).¹⁹ Dessa maneira o náhuatl começou a servir como uma língua geral.

Esta língua mexicana é a geral que se espalha por todas as províncias desta Nova Espanha, uma vez que nela existem muitas e diferentes línguas particulares de cada província, e em partes de cada povo, pois são inumeráveis. No entanto, em todos os lugares há intérpretes que entendem e falam o mexicano, pois esta é a que se espalha por todas as partes, assim como o latim por todos os reinos da Europa (Mendieta, 1997, vol. 2, p. 239, 240 [libro 4, capítulo 44]).²⁰

Devido a insistência por parte de alguns religiosos para declarar as línguas gerais, Felipe II recomenda a adoção do náhuatl, ainda que seu foco seja o castelhano. É certo que a implementação das línguas gerais facilitou a comunicação entre diversas comunidades que falavam idiomas diferentes, o que contribuiu com a união de dois mundos linguisticamente diferentes

¹⁸ Do original: "Muchos religiosos, desde la llegada de los primeros franciscanos en 1523, aprendían el náhuatl, la lengua mayoritaria del centro de la Nueva España. Cuando ampliaron su radio de operaciones, encontraron que había comunidades de habla náhuatl en otras regiones, y donde había otros idiomas, generalmente había personas bilingües que podían facilitar la comunicación entre los hablantes del náhuatl y los demás grupos lingüísticos" (Carr, 2007, p.8-9).

¹⁹ Do original: "Sólo en México se hablaban bajo su reinado casi un centenar de lenguas, y cuarenta de ellas eran de uso corriente en el territorio dominado por su administración" (Baudot, 2002, p.39).

²⁰ Do original: "Esta lengua mexicana es la general que corre por todas las provincias de esta Nueva España, puesto que en ella hay muchas y diferentes lenguas particulares de cada provincia, y en partes de cada pueblo, porque son innumerables. Más en todas partes hay intérpretes que entienden y hablan la mexicana, porque ésta es la que por todas partes corre, como la latina por todos los reinos de Europa" (Mendieta, 1997, vol. 2, p. 239, 240 [libro 4, capítulo 44]).

A atividade evangélica, reforçada pela Coroa, mas guiada por outros parâmetros, se lança no aprendizado e difusão das línguas indígenas para alcançar seus objetivos apostólicos. Diante da multiplicidade de idiomas originários e da dificuldade de dominá-los em um tempo relativamente curto, foram instituídas as chamadas línguas gerais, consideradas como tais porque eram conhecidas em certo grau pelos naturais dos respectivos territórios de influência, embora, na realidade, não fossem necessárias suas línguas maternas. Esta opção — consagrada na real Cédula de 1586, emitida por Felipe II — oferece uma solução eclética e viável diante do número e complexidade das línguas e da dificuldade de dominá-las de forma aceitável em um curto espaço de tempo. A medida atenderia parcialmente aos critérios evangelizadores e traria como consequência uma expansão dessas línguas — em termos de número de falantes e território — nas mãos da ação missionária (Bravo, 2010, p. 79).²¹

Com isso, existe a ideia de que o fenômeno da interculturalidade está ocorrendo. No entanto, é importante acrescentar que a interculturalidade vai além de compartilhar um idioma. Ela corresponde, nesse sentido, à valorização das diferenças culturais e linguísticas. E isso, infelizmente, estava muito distante de se concretizar nessas primeiras décadas de colonização.

Sobre a perspectiva da política linguística, é necessário considerar os direitos de cada povo e preservar sua língua natural. Impor uma língua que não seja a própria de um povo causa a perda da identidade cultural e linguística. Por isso, é fundamental respeitar todas as línguas presentes em uma sociedade.

A adoção de uma política linguística que impôs o náhuatl ou o quéchua como línguas gerais de uso na colônia facilitou a comunicação entre os nativos e os colonizadores. A comunicação entre os dois protagonistas de nossa história seria mais eficaz e permitiria uma convivência dentro dos limites de uma viável tolerância se considerarmos as muitas restrições da época a qualquer manifestação religiosa heterodoxa (Lopez, 2019, p.23).²²

²¹ Do original: “La actividad evangélica, apoyada por la Corona pero guiada por otros parámetros, se lanza al aprendizaje y difusión de las lenguas indígenas para conseguir sus fines apostólicos. Ante la multiplicidad de idiomas autóctonos y la dificultad para dominarlos en un tiempo relativamente corto, se instituyen las llamadas lenguas generales, consideradas como tales porque eran conocidas en cierto grado por los naturales de los respectivos territorios de influencia, aunque de hecho no fuera su lengua materna. Esta opción -consagrada en la real Cédula de 1586 dictada por Felipe II- ofrecía una solución eclética y viable ante el número y complejidad de las lenguas y la dificultad para dominarlas aceptablemente en un corto tiempo. La medida satisfará en parte las exigencias evangelizadoras y traerá como consecuencia una expansión de estas lenguas -en cuanto a número de hablantes y territorio- en manos de la acción misional” (Bravo, 2010, p. 79).

²² Do original: “La adopción de una política lingüística que impuso el Náhuatl o el Quechua como lenguas generales de uso en la colonia facilitó la comunicación entre los nativos y los colonizadores. La comunicación entre los dos protagonistas de nuestra historia sería más eficaz y permitiría una convivencia dentro de los márgenes de una viable tolerancia si consideramos las muchas restricciones de la época a cualquier manifestación religiosa heterodoxa” (Lopez, 2019, p.23).

A perspectiva de que se pode ensinar a um povo a falar uma língua diferente da sua, mas também permitir que falem na sua língua natural, é uma perspectiva muito equilibrada. Permitir que as pessoas falem sua língua materna valorizem suas características e diversidades, além de facilitar a expressão desse povo. Assim surge uma nova perspectiva linguística para a comunicação de uma sociedade, embora, como já comentamos anteriormente, isso tenha um contexto excludente.

O bilinguismo é aceito, e é até muito útil em alguns casos, mas será o aprendizado da língua espanhola o que realmente permitirá a integração na sociedade crioula, as possibilidades de mobilidade social e geográfica, além de um status e uma interação com os quais um indivíduo monolíngue originários não conta absolutamente (Bravo, 2010, p.80).²³

Dessa forma, para participar de uma sociedade e de sua cultura, é necessário poder se comunicar na língua falada pelos europeus. O bilinguismo serve para integrar essas pessoas na sociedade e em suas práticas, mas somente aqueles que falam a língua, agora dominante, conseguem ascender na escala social.

É por essa razão que as decisões linguísticas devem ser tomadas pensando no aprendizado, no ensino, na comunicação e na integração de um povo. Principalmente quando os indígenas colaboram com os estudos dos religiosos sobre sua cultura e língua, estes últimos queriam aprender os conhecimentos desse povo em uma tentativa de se aproximar deles.

No entanto, o estudo das línguas locais e a necessidade de aprofundar nas opiniões e costumes locais como forma de erradicar o paganismo levou a um estudo sistemático da cultura indígena e à instrumentalização de práticas que se materializaram, como já vimos, na edição de catecismos pictográficos ou no apoio iconográfico como método de aproximação aos catecúmenos que, ao contrário de seus fieis habituais no Velho Mundo, não tinham nenhum marco de referência comum (Lopez, 2019, p.23).²⁴

A colaboração dos indígenas na promoção de uma troca de conhecimentos e recursos é fundamental, por isso é necessário que eles participem das decisões relacionadas à sua língua e

²³ Do original: “El bilingüismo es aceptado, y es incluso muy útil en algunos casos, pero será el aprendizaje de la lengua española lo que verdaderamente permita la integración en la sociedad criolla, las posibilidades de movilidad social y geográfica, además de un estatus y una interacción con la que no cuenta en absoluto un individuo monolingüe autóctono” (Bravo, 2010, p.80).

²⁴ Do original: “Sin embargo, el estudio de las lenguas locales y la necesidad de profundizar en las creencias y costumbres locales como forma de erradicar el paganismo, les llevó a un estudio sistemático de la cultura indígena y la instrumentalización de unas prácticas que se materializaron como ya vimos en la edición de catecismos pictográficos o del apoyo iconográfico como método de aproximación a unos catecúmenos que, al contrario de sus habituales feligreses en el Viejo Mundo, no tenían ningún marco de referencia común” (Lopez, 2019, p.23).

cultura. Alonso de Molina²⁵ contribuiu para a comunicação entre indígenas e europeus, como intérprete e professor para os franciscanos, pois aprendeu o náhuatl desde pequeno, dentro de um processo que hoje conhecemos como imersão linguística.

Ainda criança, foi levado por sua família ao México, acredita-se que a partir da segunda e definitiva conquista da capital por Hernán Cortés, em 13 de agosto de 1521. Sua chegada ao México nesta data possibilitou-lhe o aprendizado mais ou menos perfeito do náhuatl; assim, serviu como intérprete e até como mestre para os doze franciscanos que chegaram ao México em junho de 1524, bem como para o flamenco frade Pedro de Gante, que havia chegado no ano anterior (Molina, 1585).²⁶

Alonso era filho de uma espanhola, por isso falava espanhol e aprendeu o náhuatl. Com esses requisitos, saía com os franciscanos pela capital ou fora dela para servir de intérprete, ajudando os indígenas e ensinando-lhes sua língua. Nessa relação entre dois mundos, está presente a interculturalidade; Alonso viveu e aprendeu coisas de mundos diferentes, tanto culturais como linguísticos.

Cresceu imerso em duas realidades, com o objetivo de aprender o náhuatl, mas sem esquecer sua língua materna. Esse aspecto é importante porque, mesmo estudando outra língua, não perdeu sua língua de origem. Dessa forma, com o conhecimento dessas duas línguas, Alonso especifica a gramática e o vocabulário da língua náhuatl, tornando-se um dos primeiros gramáticos das línguas indígenas, ao lado de Olmos.

4 A lição do passado diante dos problemas atuais

O discurso de superioridade é uma maneira de explicar as injustiças; é mais conveniente desvalorizar o mundo indígena para ocupar seu território, extrair suas riquezas e fazer tudo isso em nome da fé. Porém, nem todos os religiosos viam o mundo indígena de forma arrogante.

²⁵ MOLINA, Alonso. In: Real Academia de la Historia. Disponible <https://dbe.rah.es/biografias/12905/alonso-de-molina>. Accedido en 17 nov de 2024.

Obras de Alonso de Molina:

- *Breve doutrina cristã traduzida para a língua mexicana* (1547)
- *Aquí começa um vocabulário na língua espanhola e mexicana* (México, Juan Pablos, 1555)
- *Confessionário maior, em língua mexicana e espanhola* (1565)
- *Arte da língua mexicana e espanhola* (1571)

²⁶ Do original: “Siendo aún niño, fue llevado por su familia a México, se calcula que a raíz de la segunda y definitiva conquista de la capital por Hernán Cortés el 13 de agosto de 1521. La llegada a México hacia esa fecha le permitió el aprendizaje más o menos perfecto del náhuatl; así, sirvió de intérprete y hasta de maestro a los doce franciscanos que llegaron a México en junio de 1524, así como al flamenco fray Pedro de Gante, que había llegado el año anterior” (Molina, 1585).

Isso se relaciona com a interculturalidade, pois há uma tentativa de compreender o outro a partir de suas próprias práticas. Alguns religiosos preservaram a cultura indígena porque entenderam que era importante conhecê-la e respeitá-la. A interculturalidade consiste em aceitar a cultura do outro.

Essa atitude, fruto de uma visão mais fraterna, mais humana e mais próxima de uma alteridade bem compreendida, levou alguns religiosos a observar o mundo indígena de maneira mais adequada. Isso contrasta com a visão estereotipada dos colonizadores que, desde os primeiros escritos de Colombo até as crônicas posteriores ou, conforme Otte (1993) em seu volume *Cartas privadas de Índias*, mostram frequentemente uma visão negativa e distorcida do mundo indígena no contexto da vida cotidiana na colônia.

Infelizmente, até hoje persistem consideráveis mitos negativos associados aos migrantes. Em muitos casos, os indígenas latino-americanos são acusados de "roubar empregos" dos europeus ou, no caso específico do Brasil, dos próprios brasileiros. Segundo uma notícia publicada em 2018, auge da chegada de médicos da ilha caribenha dentro do programa Mais Médicos:

[...] Médicos cubanos foram alvo de ofensas racistas no aeroporto por colegas brasileiros de profissão [...] A justificativa é que venezuelanos, sírios, bolivianos, haitianos e nigerianos, entre outras nacionalidades, vêm ao país para tirar empregos dos brasileiros. "Haitianos, vocês roubaram nossos empregos!" Foi o que seis imigrantes, que estavam em frente às escadas da Igreja Missão da Paz, no Glicério, região central de São Paulo, ouviram antes de serem baleados por atiradores motorizados (Redação Spbancarios, 2018)²⁷

Essa notícia confirma a visão equivocada que muitas pessoas têm sobre os migrantes, que muitas vezes são acusados de usurpação. No entanto, eles não vêm para tomar os empregos de europeus ou brasileiros, pois, na maioria das vezes, ocupam cargas menores que os próprios europeus ou brasileiros não desejam²⁸

Infelizmente, esses mitos acompanham e continuam acompanhando essa população migrante

Entre 2014 e 2015, ano dos ataques contra haitianos em São Paulo, os casos de xenofobia aumentaram 633% no país, passando de 45 para 333 denúncias

²⁷ Do original: "[...] médicos cubanos son objeto de injurias racistas en aeropuerto por colegas brasileños de profesión [...] La justificación es que los venezolanos, sirios, bolivianos, haitianos e nigerianos, entre otras nacionalidades, llegan aquí para desemplear a los brasileños. "Haitianos, ustedes roban nuestros empleos!", fue lo que los seis inmigrantes los cuales estaban frente a las escaleras de la Iglesia[sic] Misión de la Paz, en el Glicério, región central de São Paulo, oyeron antes de ser baleados por tiradores motorizados" (Redação Spbancarios, 2018)

²⁸ No caso específico do programa Mais Médicos, o objetivo era suprir os médicos nas áreas menores, fora dos grandes centros urbanos. Pequenas cidades e sítios para os quais os médicos brasileiros não desejavam ir.

recebidas pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos através do disque 100 (Redação Spbancarios, 2018)²⁹

O etnocentrismo é uma valorização excessivamente dos próprios valores, acreditando que são superiores e inferiorizando os demais. Essa sensação de superioridade foi a que os europeus acreditaram ter durante o processo de colonização. Na contemporaneidade, um dos grupos que mais sofre com isso são os migrantes. É necessário enxergar a diferença do outro como uma forma de ampliar os conhecimentos e não como uma ameaça aos valores originários.

Considerações Finais

Talvez seja importante fazer uma releitura, como fizemos nas páginas anteriores, da maneira adequada de olhar para o outro. Este seria o legado que o trabalho realizado pelas ordens religiosas, principalmente pelos franciscanos durante as primeiras décadas da colonização, poderia nos deixar para os dias de hoje: olhar para o outro, mas sabendo como olhar.

As decisões linguísticas devem ser tomadas em conjunto, considerando as necessidades de cada povo, para promover a integração e o respeito na comunicação. É importante compreender como a política linguística na Nova Espanha no século XVI surgiu como uma forma de preservar a língua de um povo. E, ao mesmo tempo, seus valores e costumes, embora, isso os trouxesse a um segundo plano. Isso nos mostra como toda política linguística tem seus impactos positivos e negativos. Proteger a diversidade linguística é algo que todos deveriam fazer. Promover o respeito a um povo permite uma comunicação equilibrada com os outros.

Podemos concluir que uma política linguística praticada na Nova Espanha no século XVI é apresentada como um verso, já que essa primeira narrativa histórica expõe um acontecimento que favoreceu os indígenas, ou seja, preservando seus valores, sua língua, seus costumes e seu modo de vida .

Por outro lado, nesse processo de política linguística também está presente o reverso da história, pois, a partir do momento em que os indígenas não aprendem a língua do europeu, não conseguem participar efetivamente da sociedade, devido às barreiras linguísticas que os impedem

²⁹ Do original: “Entre 2014 y 2015, año de ataque a los haitianos en São Paulo, los casos de xenofobia aumentaron 633% en el país, pasando de 45 para 333 las denuncias recibidas por la Secretaría Especial de los Derechos Humanos vía disque 100” (Redação Spbancarios, 2018)

de se manter uma comunicação adequada com os europeus. Por essa razão, sua integração plena nesse Novo Mundo que estava sendo forjada se tornou mais difícil.

Certamente, uma política linguística serve para trazer harmonia entre os povos que falam línguas diferentes. Essa política favoreceu o povo indígena, mas também causou impactos negativos. Isso deve ser sempre levado em consideração ao adotar uma política linguística: até que ponto uma decisão pode afetar as dimensões do povo. É preciso observar essas decisões sobre uma perspectiva mais ampla.

É verdade que, ainda hoje, muitas pessoas enfrentam dificuldades semelhantes ao se mudarem para um novo lugar cujo idioma é diferente do seu. As barreiras linguísticas podem ser um obstáculo para a convivência e para a integração daqueles que não dominam a língua do lugar que os acolhem.

Portanto, é fundamental rever e refletir sobre esses aspectos para garantir que uma política linguística seja inclusiva e valorize os direitos linguísticos de todos. Isso contribui para o aspecto bilíngue e para a valorização de outras comunidades. É difícil, mas não impossível; quando há o desejo de mudar para melhor, qualquer esforço é válido.

Referências

BRAVO GARCIA, Eva. *La Construcción Lingüística de la Identidad Americana*. *Boletín de Filología*, Santiago, v. 45, n. 1, p. 75-101, 2010. Disponible en: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-93032010000100003. Accedido en 29 febrero 2024.

BAUDOT Georges. *Felipe II frente a las culturas y a los discursos prehispánicos de América*. De la transculturación a la erradicación. In: Caravelle, n°78, 2002. pp. 37-56. Disponible en: https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_2002_num_78_1_1348. Accedido en: 03 mayo 2024.

CARR, David Charles. *La política lingüística en la Nueva España*. Vol. 17 no. 3 Sep-Dic 2007. Disponible en: <https://www.actauniversitaria.ugto.mx/index.php/acta/article/view/156/133>. Accedido en 18 nov 2024.

LOPEZ, Juan Ignacio. Del popol vuh a hombres de maíz. Del maravilloso real al real maravilloso. *Academia.edu*. p. 1-16, maio 2021. Disponible en: https://www.academia.edu/37944704/del_popol_vuh_a_hombres_de_ma%C3%8dz_del_maravilloso_real_al_real_maravilloso_versi%C3%93n_junio_2021. Accedido en 25 marzo 2024.

LOPEZ, Juan Ignacio. Los franciscanos y la evangelización novohispana: de la desobediencia las lenguas generales. *Academia.edu*. p. 2-23, enero 2019. Disponible

en:https://www.academia.edu/48849944/la_evangelizaci%C3%93n_franciscana_en_nueva_espa%C3%91a_entre_influencias_adaptaciones_y_su_legado. Accedido en: 07 marzo 2024.

MARIANI, B. Políticas de colonização lingüística. *Letras*, [S. l.], n. 27, p. 73–82, 2003. Disponible en: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11900>. Accedido en: 03 marzo 2024.

MENDIETA, Gerónimo de (1997). *Historia eclesiástica indiana*, 2 vols, Joaquín García Icazbalceta y Antonio Rubial García, estudios. México: Dirección General de Publicaciones, Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.

MOLINA, Alonso de. Real Academia de la Historia. Disponible en: <https://dbe.rah.es/biografias/12905/alonso-de-molina>. Accedido en 23 marzo 2024.

OTTE, E. *Cartas privadas de emigrantes a Indias. 1540-1616. México D.F.: Fondo de Culturas Económicas. 1993.*

REDAÇÃO SPbancarios. Os migrantes vão roubar nossos empregos. *Sindicato dos bancários de SP*, 22 de out. de 2018. Disponible en: <https://spbancarios.com.br/10/2018/os-imigrantes-vaou-roubar-nossos-empregos>. Accedido en 18 jun 2024.

ROSENBLAT, Ángel. *La primera visión de América*. 1969. Disponible en: https://books.google.com.br/books?id=a_AHAQAAIAAJ&pg=PA15&lpg=PA15&dq=Col%C3%B3n+y+los+indios+de+las+antillas+tuvieron+que+entenderse+por+se%C3%B1as:+%E2%80%99Clas+manos+les+serv%C3%ADan+de+lengua%E2%80%99D,+dice+el+P.+Las+Casas. Accedido en 16 de abril 2024.

SAÍZ, Esteban; LAGO, Caridad; DELGADO, María; DÍAZ, Daniel. (org). *Historia de América*. 2016. *Pueblo y Educación*. Disponible en: https://www.mined.gob.cu/wp-content/teleclases/listos/+libros/03_preuniversitario/10mo/10mo_historia_america.pdf. Accedido en 17 de abril 2024.

SARZURI-LIMA, Marcelo. *De la palabra al texto: colonialidad lingüística y luchas interculturales*. *Rev. de Inv. Educ.* La paz, v.5, n. 1, p. 59-85, enero 2012. Disponible en: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1997-40432012000100003. Accedido en 02 marzo 2024.

SPOLSKY, Bernard. Políticas Lingüísticas: uma entrevista com Bernard Spolsky. *ReVEL*, vol. 14, n. 26, 2016. Tradução de Ana Carolina Spinelli e Gabriel de Ávila Othero [www.revel.inf.br].

VEGA CERNUDA, Miguel. *Lenguas, farautes y traducciones en el encuentro de los mundos*. CVC. cervantes. *Hieronymus*. n° 11. p. 81-108. 2004. Disponible en: https://cvc.cervantes.es/lengua/hieronymus/pdf/11/11_081.pdf. Accedido en 28 febrero 2024.